

# EXCURSÃO PELO VELHO MUNDO: O PAPA QUE EU VI

ANDRADE FURTADO

Grata e proveitosa viagem à Europa, participando de uma comitiva de jornalistas brasileiros e portugueses, a convite do Governo da Alemanha Ocidental, proporcionou-me contacto com os grandes centros de cultura do Velho Mundo.

Em correspondências estampadas na imprensa, dei as minhas impressões dessa excursão, através da Alemanha, da França, Suíça, Itália, Espanha e Portugal.

Foram notas, nascidas da minha espontânea exaltação pelo progresso de nacionalidades, que sobreviveram, com heroísmo épico, à grande invasão, totalitarista e anticristã, das forças contrárias à Civilização.

É, sem dúvida, incontestável a tenacidade, sobretudo da República Federal de Bonn, ao reconstituir aquela parte do país, que a catástrofe bélica, provocada pelo nazismo, reduzira a escombros.

A barbárie soviética, por uma fatalidade histórica, incluiu, na zona de ocupação vermelha, a banda oriental do império teutônico.

Berlim ficou encravada no território de dominação eslava. O Muro da Vergonha isola, presentemente, por uma muralha chinesa, aquela Ilha da Liberdade.

Já não se vêem as cicatrizes de golpes profundos, que se supunham indelévels, nas cidades que foram alvo dos bombardeios e depredações selvagens. O desenvolvimento das indústrias e a renovação dos métodos da técnica, da cultura e da arte elevaram bem alto o conceito da raça inteligente, pertinaz e operosa.

Será uma obrigação ingente para os homens do porvir, tarefa de séculos, a libertação dos povos situados dentro da chamada “cortina de ferro”, que a conflagração esmagou, desde a Estônia, Lituânia e Letônia, até Hungria e a Alemanha Oriental, submetidas ao jugo da foice e do martelo.

Foi lição edificante de Konrad Adenauer e dos seus valorosos pares a de preservar, àquela época, da terrível hecatombe, o lado ocidental da nação, onde, hoje, a prosperidade revive e a sua gente usufrui os direitos do homem.

A França, a Suíça, a Itália, igualmente, reconquistaram a fisionomia de saúde social. A formação moral e política dos seus habitantes, como na Alemanha independente, não se coaduna com os processos de truculência do marxismo sem Deus e sem alma.

A índole desses Estados, dentro da lei e do respeito aos deveres da consciência, não se adapta à escola de servilismo dos Átilas redivivos.

A Espanha dominou a revolução das esquerdas extremistas, expulsando do seu solo a horda subversiva das brigadas internacionais. Travaram-se, lá, as maiores e mais renhidas batalhas, que precederam a Segunda Grande Guerra europeia. As experiências, em torno dos bombardeios aéreos e da defesa às cidades expostas à mira dos aviões, foram realizadas, na pátria de Cid.

A bravura das hostes, sob o comando do generalíssimo Francisco Franco, revelou ser invencível aquêlo baluarte estratégico, defendido pelas grimpas escarpadas dos Pireneus.

Na frente de Madrid, ao pé da Serra de Guadalarrama, ergue-se o monumento da Vitória, cavado na rocha viva — a Basílica de Santa Cruz, no Vale de los Cahidos. Perpetuará, através das idades, o triunfo memorável das falanges patrióti-

cas, na defesa da integridade cívica e das tradições católicas de Castela.

Em terras do Condestável, em Portugal, o bolchevismo não conseguiu penetrar, salvando-se, assim, pela tática do insigne estadista e emérito professor Oliveira Salazar, o patrimônio de sabedoria e de trabalho, de literatura e humanismo de tão brioso e arrojado povo cristão.

É lá, nas plagas da Península Ibérica, hoje em dia, que florescem os exemplos de lealdade à fé e à pureza do Evangelho, revividos nas pugnas pela continuidade da doutrina de salvação e de paz, trazida à terra pelo Redentor da Humanidade.

Na Itália, por sua vez, acastela-se a trincheira inviolável da Verdade, defendida pela palavra do Santo Padre.

João XXIII, em Roma, foi o Papa que eu vi, falando à Cristandade, em face dos problemas assoberbantes e angustiosos da hora trágica que o Universo enfrenta, com a serenidade, a persuasão e a confiança, necessárias ao combate dos males do tempo presente.

Ele foi, na verdade, reconhecido pelo mundo inteiro, como símbolo — um sinal de bem-aventurança — em sua missão de tranqüilizar as mentes e dulcificar os corações. Do seu semblante ressumbrava alguma coisa indefinida de espiritual, sobrenaturalizando os conceitos emitidos, em torno da nossa origem e do nosso destino, como filhos do mesmo Pai que está no Céu.

Emitiu para todo o Orbe mensagens impressionantes que comoveram as populações de diferentes latitudes, unidas pelos insopitáveis anseios de felicidade de íntima aproximação, no que diz respeito ao bem e à concórdia dos povos.

Falando com ternura contagiante, a sua simplicidade de expressões não era desfigurada pela retórica. A sua eloquência revelava-se tão natural, que dominava e convencia pela própria singeleza da exposição sem artifícios.

Frases, quase de uma ternura infantil, assumem um poder de convicção dominador. “É o amor — afirmou ele —

que dá todo o seu sentido ao lugar que cada um é chamado a ocupar, nesta grande família. . .”

E é pelo amor de um homem, que amava a paz — alguém disse dêle — que o mundo terá redescoberto o sentido do sagrado.

Sente-se, no que João XXIII doutrina, não cintilações ofuscantes de gênio, mas sentimentos, alegrias e dores, que também nós experimentamos, no profundo recôndito da nossa alma.

Isto observou, a propósito do estilo do Pontífice da mansidão, um comentador do seu livro *Diário Intimo*.

A presença do Santo Padre, em meio à densa multidão, na Praça de São Pedro, por ocasião das Olimpíadas, em Roma, a que compareci, em minha estada na Cidade Eterna, só por si era para mim o testemunho da munificência que dêle emanava, como influxo da graça do seu espírito irradiante de inefável cordialidade.

Diante da sua figura serena, cheia de harmonia e doçura, percebia-se a dimensão daquele Supremo Sacerdote, que abria os braços a todos os cristãos, no maior conagraçamento ecumênico, registrado nos anais da Humanidade.

Era, visivelmente, um nôvo Patriarca, o varão privilegiado, mandado por Deus para abençoar as turbas intranquillas, e, com a sua mansidão, inspirar confiança nos desígnios da Providência Celestial.

Falava, sorridente, entre gestos suaves, espelhando os reflexos da retidão de ânimo, em tórno do ideal de fé que encarnava.

Tinha razão o “Pastor et Nauta”, a que se refere a profecia sôbre a sucessão dos papas, em declarar, nas suas notas íntimas: — “Sobretudo, sou grato ao Senhor, pelo temperamento que me deu, o qual me preserva de inquietações e atitudes de pasmo fastidioso.

Em tudo sinto-me em obediência e descubro que o manter-me, assim, *in magnis et in minimis*, confere à minha pequenez tamanha fôrça de audaz simplicidade, que, por ser

tôda evangélica, exige e obtém respeito geral e é motivo de edificação para muitos.”

Aí vemos definido, num conceito justo e sintético, a fortaleza e a amenidade dêsse apóstolo, talhado para as instantes exigências da nossa época!

Confessou um observador da massa popular, ali apinhada, em frente do Vaticano, que viu, em todos os aspectos da assistência, a impressão profunda deixada pelas exortações do Sumo Pontífice.

É este, de fato, o testemunho que posso dar, de minha parte, sôbre o espetáculo edificante de um auditório inumerável, que aplaudiu, numa adesão vibrante, os conceitos daquela mensagem, tocada da inspiração do Alto.

Devemos reconhecer a verdade do que acaba de proclamar o Santo Padre — dizia, por sua vez, um jornalista, correspondente de importante diário do Rio de Janeiro. “Cumpre, concluía êle, que a lei do amor sagre o pacto de paz entre as nações.”

Com provocações, dissídios e ódio, nada se poderá fazer para que prevaleçam os dispositivos dos convênios e dos códigos, assinados nos congressos e nos parlamentos. Os homens devem amar-se, uns aos outros, retamente, como preceitua o mandamento de Cristo.

Sempre das colinas de Roma, desde São Pedro, partiram constantes e persuasivos apelos, pela fraternidade comum dos indivíduos e dos povos.

A tradição da Escritura Sagrada enche de glória imarcessível os fastos da hierarquia pontifícia.

Não há, no universo inteiro, voz mais autorizada, para falar dos princípios da Justiça, da Liberdade e da Democracia, que a do Príncipe dos Apóstolos.

Só a sua palavra — repercussão viva do Verbo de Deus — é capaz de desarmar os exércitos e de proclamar os postulados do Direito e as razões da Paz, diante do poder dos soberanos e dos campos de batalha.

Foi pelo prestígio da sua autoridade, que a voz de João XXIII se fêz ouvir, em todos os ângulos da Terra, desper-

tando nas consciências um respeito, que a simpatia e a admiração consagraram, mesmo entre as legiões inimigas ou indiferentes.

O Papa que eu vi do palanque dos jornalistas, armado bem próximo ao trono, de onde falou, veio como que, materialmente, confirmar, aos meus olhos, a realidade do mistério que envolve, num halo de luz sobrenatural, a figura do Mestre Divino, visível, diante de nós!